

*Trechos do Vale do Lis. Aqui a encosta da Barreira, modelada por inúmeras vinhas. A pequena dimensão das vinhas indicia a pequena propriedade e um uso quase pessoal do vinho. As encostas viradas a sul-nascente revelam o cuidado na melhor exposição possível.*

*No vale propriamente dito aparecem sobretudo árvores de fruto, interrompidas pelos grandes maciços de choupos e freixos que envolvem o rio. Tradicionalmente as aldeias libertaram o vale e encostaram-se à encosta. Aqui vemos as Cortes, terra de Xavier Cordeiro e Afonso Lopes Vieira. Ao fundo o pico da Maúnça, onde nasce o Lis. Uma paisagem que conserva a sua pureza e mereceria certamente protecção*

*Tradicionalmente as aldeias libertaram o vale e encostaram-se à encosta. Aqui vemos as Cortes, terra de Xavier Cordeiro e Afonso Lopes Vieira. Ao fundo o pico da Maúnça, onde nasce o Lis. Uma paisagem que conserva a sua pureza e mereceria certamente protecção*



# GEOGRAFIA E PAISAGEM EM RODRIGUES LOBO

**Nota:** todo o itálico corresponde a citações de Rodrigues Lobo

UMA INTERESSANTE reflexão sobre o espaço geográfico de Leiria é feita por um dos seus mais ilustres filhos, o poeta Francisco Rodrigues Lobo. As suas obras da trilogia pastoril, constituídas pela “Primavera”, “O Pastor Peregrino”, e o “Desenganado”, para além de um ambiente neo-renascentista, em que os Leirienses reconhecem muito do seu património histórico e onírico, falam de uma geografia concreta, que hoje podemos considerar esquecida.

Os limites da região abordada são a Leste o Tejo, a Norte o Mondego, a Oeste o mar, e a Sul pastos e montes, onde podemos reconhecer o fim do maciço calcário e o corte transversal do Montejunto. Trata-se para ele de uma região coerente, de serras brancas e despidas, secas no cume, libertando águas que formam rios e vales, caminhando para o Tejo, o Mondego e o mar.

Se isto nos pode parecer evidente, deixa-nos porém bem

longe das considerações da geografia regional que nos últimos anos regem o território. Uma tendência iniciada por Barros Gomes em 1867, com a criação da Beira Litoral, deixou Leiria arrumada nas terras do quaternário e detritos de aluvião da orla costeira, numa tira que se estende das Caldas a Aveiro. Ao formalizarem-se fronteiras neste corte vertical, apareceu uma obscura região Oeste e uma área de influência do Mondego. Leiria confinou-se, na opinião do geógrafo Jorge Gaspar, a um “Pinhal Litoral”, onde já aparece integrada em futurologias regionalistas que escapam à configuração geológica, à fitossociologia e à história dos povos. A Alta-Estremadura desaparece, e Leiria e o seu Concelho são uma terra de ninguém com uns pinheiros esparsos.

Como estamos longe da síntese territorial de Rodrigues Lobo!



As serras brancas. Aqui junto à Serra dos Candeeiros. As grandes queimadas para aproveitamento e formação de pastagens deixam a descoberto os grandes blocos de calcário, que pela erosão se transformam em massas esbranquiçadas.



Campo de lapiás junto da Serra de Sicó. A erosão das águas pelas fendas das rochas vai abrindo canais que as diferenças térmicas vão acentuando, até ao aparecimento de pedras separadas, que um olhar incauto pode atribuir à intervenção do homem.



Dolina no Arrimal. A falta de água foi sempre o grande problema das populações serranas. Os raros lagos foram intensamente aproveitados.



QUANDO O SEU personagem se dirige a Leiria, sai das “Praias do Tejo” e, após a travessia dos vales ribatejanos, foi “subindo o monte até entrar num arvoredado cerrado” “pisado pelos animais ferozes da montanha” e “chega a um rochedo povoado de árvores muito antigas”. No ambiente serrano “não nos ouvem mais que as árvores e penedos” e por um caminho fragoso “caiu na descida de um vale que um gracioso ribeiro atravessava”. A serra é calcária “uma serra branca” por vezes “deserta e desabrigada”, onde as exurgências aparecem sobre a forma de fontes nascidas “entre penedia branca” e junto a ela não há “nem uma erva verde, mas águas tão claras que se podiam contar no fundo os brancos seixinhos”. Saindo dos lapiás e das agrestes formações do Dogger, encontra as dolinas impermeáveis por vezes agigantadas, num vale que “estava cheio de árvores altas e espessas apartado de dois outeiros que se morriam vagarosamente sobre uma lagoa”.

Quem na serra já assistiu às tempestades tão frequentes (a serra de Aire é o local com maior pluviosidade a Sul da Serra da Estrela) reconhecerá facilmente como real a descrição de Rodrigues Lobo “de noite se levantou subitamente uma tempestade tão estranha que parecia abrir-se o céu e romperem-se os penedos da serra” “ferindo os relâmpagos de contínuo faziam uma temerosa sombra nas cavernas” “os ventos parecia que se soltavam para combater as altas árvores do vale” “quando veio a madrugada soltaram os trovões e quebrou o vento em uma água grossa” “pela manhã apareceu o sol cheio de nuvens escuras, prenhes de água, correndo da parte do oceano uma traz outra, com tanta pressa que os da serra conheceram o carrancudo rosto do inverno”.



No ambiente rural que envolve Leiria aparecem restos de uma agricultura quase desaparecida. As eiras e os currais estavam bem activos ainda há vinte anos. Esta imagem não difere em nada das que Rodrigues Lobo teria encontrado, salvo, evidentemente, no estado de abandono.



A ceia de peixes vivos é rara mas ainda possível. Aqui, sardinhas acabadas de pescar na Nazaré. A faina artesanal da pesca vive certamente os seus últimos dias.



Afloramentos rochosos aparecem por vezes no nosso litoral. Calcáreos ou ofíticos, como é o caso em S. Pedro de Muel, onde se agrupam as “curiosas conchinhas e vivos mariscos”.



A PAISAGEM HUMANA agita-se num quotidiano anotado com precisão “os aldeões recolhiam para as cabanas os secos lenhos e pesados cepos que as ardentes calmas do estio tinham vencido, rodeavam as cabanas de ramos de árvores, fechavam os currais, semeavam os telhados de pedras, que sustentassem a aguda palha e espadana que os cobria, espalhavam o estrume, e abrigavam os instrumentos da lavoura”. Os nevoeiros matinais que vindos do Atlântico se derramam na Serra dos Candeeiros são referidos, “o sol começava a destruir uma névoa grossa com que estava encoberta a formosura dos montes”. Estamos na serra, na zona onde ela encontra os aplanamentos do litoral, por onde irrompem os numerosos ribeiros e rios que recortam as areias e os barros até ao mar. Seguindo os rios, dá o peregrino já perto da costa, junto a uma ponte arruinada, as primeiras notícias de uma população de pescadores, que ele considera em constante diálogo e desafio com os serranos. Perto da foz “ouviu a voz e o tumulto dos pescadores que da parte do mar vinham trazendo as leves barcas” junto a casas de pescadores “estenderam as redes” e aí organizaram “a ceia dos peixes vivos, que ainda na seca areia se revolviam, e dos saborosos mariscos, que envoltos

em curiosas conchinhas naquela hora se arrancavam dos penedos”. Na costa litoral lá estão “quebrando na surda praia as águas que de alto caem”, praia e mar de onde emergem rochedos que merecem a Rodrigues Lobo uma colorida descrição: “levantados penedos cheios de curiosas conchinhas e vivos mariscos, lavrados pela mão da natureza, polidos com a continuação das ondas, abertas com mil partes secretas, por onde como por vidraças furtam a luz ao sol, que no centro deles descobre as prateadas escamas, as rosadas vieirinhas, e torcidos búzios, fazendo um gracioso esmalte na areia”.

Pela voz de um pescador ouve-se o exortar da paisagem marítima “que o espraiair das ondas, o recolher das águas que a maré encurva pelas cavernosas lapas, o correr das areias com o manso vento, o bracejar dos remos no mar quieto, o soltar dos peixes pela madrugada”. E a paisagem lá está recreada por um pescador que a anota “uma enseada que o mar faz no fim deste rio no meio de dois penedos, que como uma lua minguante vão metendo as pontas por entre as ondas”.





Baía de S. Martinho. Restos de um recorte costeiro hoje desaparecido que envolvia o mar interior da Pederneira e o antigo porto das Paredes. O séc. 16 conheceu-lhes o fim. Em baixo uma desapareição mais recente, o Lis passando num local hoje fortemente urbanizado.



**COMO NÃO PENSAR** na barra de S. Martinho ou na antiga lagoa da Pederneira, onde as enseadas e as pontes de barcas ainda existem na toponímia e na memória das populações. Mas nem à beira mar a serra que ao longe se avista fica esquecida, e o próprio mar é um equivalente serrano:

“Feito em mil serras o mar  
Aonde parece que pascem  
Ao longe brancas ovelhas  
Descendo em profundos vales”

A ligação entre a costa e a serra através das vias fluviais aparece claramente *“passeando ao longo desta praia quando a barca me tardava para passar à parte da serra”*, dando a ideia que por vezes se subiam os rios na viagem de regresso ao interior.

Se os diversos ribeiros serranos que descem para o litoral são sumariamente apontados, o mesmo não acontece àqueles que mais queridos são a Rodrigues Lobo, o Lis e o Lena: *“Nasci entre as frescas ribeiras do Lis, e Lena, terra favorecida do céu”*. Ao enunciar o seu espaço descritivo, começa por baptizar as águas que viu correr. De facto, tudo indica que Lis e Lena sejam denominações poéticas, que estranhamente se fixaram na linguagem erudita e popular com enorme rapidez. Não há traços de tais designações em toda a Idade Média, os rios tomando o nome das aldeias e locais onde passavam, Ribeira das Cortes, Rio da Reixida, Ribeira de Ulmar, sem que a sua totalidade fosse abrangida por uma designação definitiva.





Nascente do Rio Lis. Na aldeia das Fontes, esta construção simbólica, quase acastelada, marca o entendimento que a população teve do início do rio. Na realidade, várias dezenas de nascentes, de um lado e de outro do pico da Maúncia contribuíram para o primeiro caudal.



O leito de cascalho que aqui vemos são os primeiros quilómetros do Lena que se animam com as chuvadas do Outono. É normal o curso do rio desaparecer e reaparecer uns metros à frente. Nesse aspecto a descrição de Rodrigues Lobo é muito precisa. Correndo no meio da Aldeia das Fontes vemos o Lis, que mesmo no Verão guarda um caudal apreciável. Poucos rios em Portugal apresentam um aproveitamento tão grande logo junto à nascente, com campos profusamente cultivados nos primeiros metros. Uma vegetação frondosíssima envolve-o. Primeiro figueiras, e depois salgueiros (*Salix atrocinerea*), freixos e nogueiras.



O CONSENTIMENTO ERUDITO de contemporâneos, que pegaram nos nomes como coisa assente, Frei António Brandão, Severim Faria, Bartholomeu Varelas, mostra a grande divulgação da “Primavera” logo na 1ª edição de 1601, mas é claramente insuficiente para fixar uma toponímia. A onomástica fluvial, tão conservadora que na maioria dos casos preserva as suas origens pré-latinas, não se conforma com batismos poéticos, guardando a população a memória e a prática dos nomes correntes. Se isso se modificou, foi certamente porque igualmente mudou a compreensão da região na sua globalidade; a compartimentação de espaços exprimindo um micro regionalismo das primeiras fases de colonização do Séc. XII, evolui para novas formas de propriedade, a que não deverá ser estranha a administração dos Marqueses de Vila Real. Junte-se a isso a secagem dos pântanos de Ulmar, que em todo o Séc. XVI foi libertando novos pomares e hortas, e por essa via foi revelando um novo rio com aplicações coerentes e idênticas da nascente até à foz.

A construção de um potamónimo é um primeiro passo para uma observação de rigor, e é com uma precisão de geógrafo que Rodrigues

Lobo descreve o curso do Rio desde a nascente. “Pela parte, por onde vem descendo o Rio Lis, antes de chegar aos espaçosos vales, que com sua corrente vai regando, toma um estreito caminho por entre altos arvoredos, onde com profundo silêncio se detém até chegar à queda de uma alta penedia, e ali repartidas as águas, medrosas vão fugindo por entre as raízes de amargosas novigueiras, outras oferecendo-se aos penedos com saudoso som estão neles quebrando, e depois ficam derramadas em dous ribeiros: o maior depois de muitas voltas se vai a encontrar primeiro com as águas, de que se apartou entre altos ciprestes e loureiros. O outro, ao voltar de um vale se vai encostar a uma alta rocha por debaixo de espessas aveleiras, e esperando as águas umas pelas outras descobrem a boca de uma lapa encoberta entre uns ramos, que vai por baixo do chão uma légua”.



Se o aproveitamento agrícola usa imediatamente o rio com árvores de fruto e variadas hortas, é esteticamente que ele se torna notável e há quem considere, talvez com justa causa, que é o carácter mavioso das suas margens que está na origem de muitos poetas que nasceram e passaram por Leiria. As margens guardadas pelas últimas pedras serranas agitam-se com uma variada vegetação espontânea que lhes acentua a graça e que os habitantes, numa consideração sábia, que por vezes escapa aos paisagistas, teimam em não cortar.

Em cada passo cardumes de pequenos peixes deslizam nas águas dando ao conjunto uma alegria vitalizada que se deveria tentar preservar como se fosse a alma do próprio concelho.



A INDECISÃO DA nascente é consequência natural da dinâmica dos poços e sifões que caracterizam a circulação cársica. Uma acção longínqua pode ter um grosso efeito num ponto aparentemente imprevisível. Assim, ao falar-se na circulação de águas na lagoa de Minde, observava-se (O Couseiro, na época em estudo) que “quando se some esta água arrebeta nas Fontes, freguesia das Cortes, um rio e no Reguengo outro, e que vêm a estes lugares por baixo do chão, que dantes não levam água”.

A desapareição ocasional das águas, sob a rocha ou sob leitos de cascalho, para uma reaparição mais longínqua, é a circulação normal por fendas e diáclases em leitos subaéreos, que aliás se podem tornar superficiais quando os níveis inferiores impermeáveis se encontram saturados de água. Assim, no Lis e no Lena, surgem ao nível da nascente leitos secos, onde se ouve o marulhar subterrâneo, reaparecendo e desaparecendo esporadicamente, entre uma flora espontânea aparentemente agarrada à rocha, mas com um sistema radicular que se afunda e aproveita das argilas e sedimentos subterrâneos.

É dessa impressionante rede de matos e de pedras que surgem as duas linhas de água

que rodeiam o pico da Maúnga, uma virtualmente o Lis, a outra o ribeiro Seco ou Ribeira das Cortes, que Rodrigues Lobo vê finalmente emergirem, reunindo-se num correr, primeiro agitado e depois remansoso, na abertura e explanção ao vale. “*Já com rumor profundo, não soa o Lis dos montes seus vizinhos, antes no claro fundo, mostra os alvos seixinhos e os peixes que nas véas deixam tremendo as sombras nas arêas*”. Reconhecem-se as águas sinuosas e transparentes que correm junto às Fontes, regando hortas e rodeando-se de uma vegetação ribeirinha que lhe moldura as margens “*...a rica praia, cuja arriba se arrêa, do álemo, e da faia, do freixo, e do salgueiro, do ulmo, da aveleira, e do loureiro*.” Ao romper nos campos chega a “*um formoso prado coberto de graciosa verdura, onde, como em jardim próprio da natureza, havia toda a variedade de flores e boninas*”. Os úberes vales do Lis, tão festejados e descritos por todos os viajantes, aparecem na sua largueza “*um espaçoso vale, que, além da formosa verdura com que a natureza o avantajou*” “*...estava cercado de muitas árvores verdes, que postas em muro por uma parte e outra o rodeavam*”.



*O curso do Lis, apesar de curto, é de uma magnífica diversidade. Nas Cortes uma das grandes noras que a civilização moçárabe cultivou na península e deixou no Lis alguns dos seus mais belos exemplos. A entrada nas Cortes, não fora a brutal intervenção da moagem que desfigurou um dos mais belos trechos do concelho, seria exemplar na ilustração da cumplicidade harmónica dos povos com o seu rio.*



*O Lis no interior da Cidade. Este passo do rio foi talvez o mais fotografado no princípio do século. Hoje, em frente ao Liceu, está praticamente oculto e só uma grande desatenção o tem permitido. Uma pequena intervenção sem grandes custos pode restituir à Cidade um dos seus mais belos trechos. Junto a Santo Agostinho*



*vemos os restos de um antigo cais setecentista, que é hoje o mais nítido vestígio da utilização do rio como estrada comercial, ligando a Cidade às aldeias adjacentes. A sua recuperação é um dever que os leirienses não podem ignorar. Praticamente, basta fazer uma limpeza nessa zona, que foi recentemente ajardinada, e na qual este sítio deveria ser o elemento predominante.*



**Por vezes o** Rio é retido nos numerosos moinhos e azenhas que pontuam o seu curso, noutras salta em buliçosas quedas por entre os afloramentos calcários “...*represado entre altas árvores aos raios de sol fica escondido até que chegando a uma fragosa penedia vem quebrando em espuma sobre os lisos penedos, e com acordado ruído se vai debruçando em um quieto remanso*”; é o caminho alternado entre cascatas e águas cativas que se estendem lisas como espelhos:

“Águas de cristal  
Que na loura areia  
Fabricais espelho  
Em que o sol se veja  
Que cortando o prado  
Ís polindo as pedras  
e a terna verdura...”

Rodrigues Lobo estava em posição privilegiada para anotar o que via. No Vidigal, debruçada sobre o vale, tinha uma propriedade de vinha e searas (testamento de Miguel Lobo), ponto de observação dum horizonte vasto que percorre toda a veiga do Lis; é talvez lá que “*subido de um alto penedo descobria aqueles saudosos vales e montes, os espessos e sombrios arvoredos, as cristalinas correntes, que iam com ordenados rodeios cortando a verdura...*” e os:

“Outeiros graciosos  
Vales mais amenos  
Fontes cristalinas  
Ásperos rochedos  
Serras espalhadas  
Vastos arvoredos  
Belos horizontes  
Longes de tão perto  
Pois vos estou vendo  
Para sustentar-me  
Alegrai meus olhos  
Para que descansem”



Rio Lis à entrada da  
Cidade e à sua saída.  
No primeiro caso junto  
a Sto. Agostinho, em  
1905, em baixo numa  
gravura de Cristino  
em 1890. Os pastores  
de Rodrigues Lobo  
estão aqui presentes,  
trezentos anos depois,  
com uma naturalidade  
só consentida pela  
grande continuidade que  
a vida rural conheceu.  
Note-se que os chapéus  
dos camponeses  
são idênticos aos do  
séc. XVI. Esta grande  
persistência talvez seja  
uma razão das radicais  
metamorfoses a que  
ultimamente assistimos.



**Enfim, nos meandros** que forma pela pla-  
nície, o Rio estende-se numa calma feliz:

“Fermoso Lis que entre arvoredos  
Ides detendo as águas vagarosas,  
Até que umas sobre outras de invejosas  
Ficam cobrindo o vão destes penedos

Verdes lapas que ao pé de altos rochedos  
Sois morada das ninfas mais formosas  
Fontes, águas, ervas, lírios, rosas  
Em quem esconde amor tantos segredos”

Falar do Lis não faz o poeta esquecer o  
Lena, até porque foi nas suas margens  
que nasceu, a julgar pelos versos “*nas ri-  
beiras do Lena fui nascido. E nas do Lis  
guardava o manso gado*”, mas certamen-  
te um Lena que já tocava os arredores da  
Cidade. No entanto, é o Lena das lonjuras  
da Serra que é mais evocado, com aque-  
les que são para ele “*os serranos do Lena*”,  
da crueza áspera e desnuda que se avista  
para além de Porto de Mós “*se passou  
além do Rio Lena a buscar o antigo pastor  
que habitava naquelas montanhas*”.







*O “monte agudo da penedia” aparece aqui na sua primeira representação visual, num desenho de Alexandre-Jean Noël em 1780. O segundo desenho data de 1880, num Rossio em que já desapareceu a ponte de S. Martinho.*

*Em baixo um Lis esplendoroso, ladeado pelo marachão e atravessando campos que entram pela Cidade adentro.*

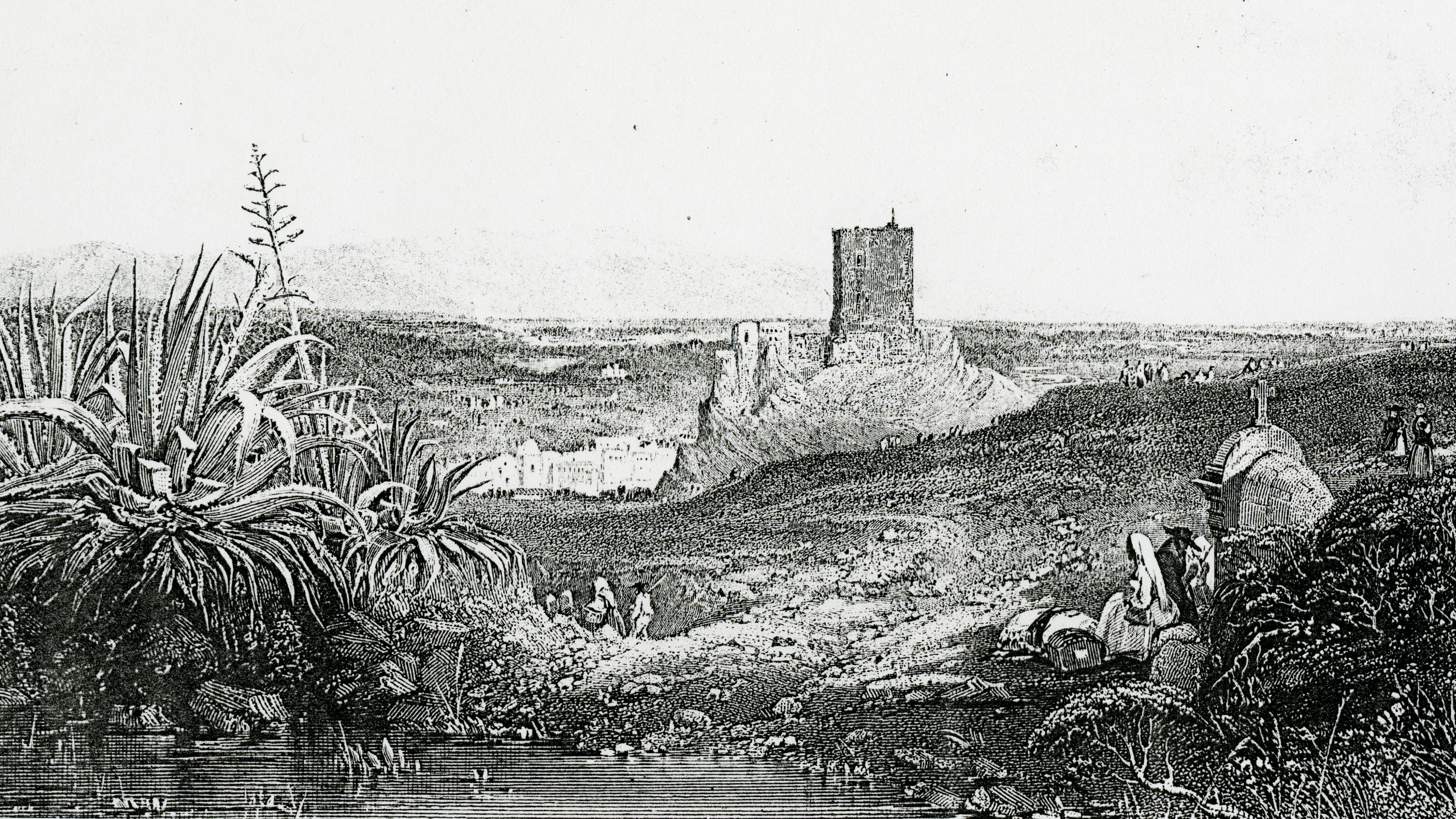
*espaçoso sítio partido entre outeiros e graciosos vales que a natureza com particulares graças povoou de árvores e fontes, que fazem nele perpétua Primavera”.*

Rodrigues Lobo descreve-nos Leiria “entre as fragosas montanhas da Lusitânia na costa ocidental do mar oceano”. No vale “levanta-se o monte agudo de penedia cercado como ilha de dous rios, que pela falda dele vão murmurando, até que ajuntando-se no extremo da sua altura levam ao mar em companhia a vagarosa corrente, e assim da parte do Lis, que na cópia das águas é principal, como pela do claro Lena, que escondido entre arvoredos faz o caminho, é cultivada a terra de muitos pastores, que naqueles vales, e montes apascentam, passando a vida contentes com os seus rebanhos, e as frutas que a terra em abundância lhes oferece, assim de Ceres, como de Pomona: porque com a benigna inspiração do Céu, e disposição da terra não somente são as plantas mais formosas à vista, os frutos mais saborosos ao gosto, as flores mais suaves ao cheiro e alegres aos olhos, mas ainda os penedos mais engraçados e parece que menos duros”.

**O passeio viçoso** do Lena resalta em paralelo com o do Lis; as árvores são apontadas: “ao longo do Rio Lena, debaixo de um castanheiro...” e a sua frescura e generosidade beneficiam-no directamente em terras que possui na sua margem, junto ao Picoto, na mais bela abertura do vale, “tem terras que levaram de sementeira 30 alqueires” (testamento de Miguel Lobo). O Rio é vivo, cheio de peixes, a ponto de merecer de Dom João III regulamentação especial para pôr fim a contendas entre Leiria e a Batalha “...hum rio que soia de ser de muito pescado” e foi coutado à Batalha entre as Brancas e a ponte da Azoia (carta de 1537, chancelaria de Dom João III).

Ambos os rios vão ter a “um





O Lis abandona a cidade numa gravura de Jennings em 1838. Em baixo o "Campo Velho", uma longa zona de regadio com culturas diversificadas, que só encontra paralelo em Portugal nas margens do Mondego.



O LIS ABANDONA a Cidade e segue pelos campos "...até que perdeu de vista os altos edifícios, que estão situados em a soberba penha, que os rios vão cercando". Os campos são a designação dos antigos paus que se prolongavam até ao mar. O Couseiro precisa: "Começa o dito campo no lugar da Barroza, defronte d'ele e vai correndo até ao mar e pelo meio o rio; e d'uma parte e outra estão muitos lugares, povoações e freguesias...". E o Campo velho até Monte Real, por onde o Rio se espraia na sua plenitude, caminhando inelutavelmente para a foz.

*"Fazei águas do Lis o vosso efeito  
E com doce murmúrio suspirando  
Buscai ao mar, pagai-lhe seu  
direito"*

Na chegada ao mar o poeta repete o mote que animou as águas pujantes do passado:

*"Formoso rio Lis, que de contente  
Estais detendo as águas  
vagarosas  
Por não passar daqui vossa  
corrente  
Entre essas ondas claras  
duvidosas  
Levai ao largo mar com turva vêa  
Tristes queixumes, lágrimas  
queixosas."*



*O rio, já com a influência das marés e um alto grau de salinidade, encontra enfim as areias e os pinhais do litoral. Desaparecem as culturas e modifica-se a flora das margens.*



*As margens estão por vezes alteadas, como se vê nos restos da intervenção de Oudinot no séc. XVIII. O curso do rio foi modificado impedindo que as populações se fixassem nele.*



*A foz do Lis junto à Vieira. A foz do Lis teve muitas oscilações que variaram em mais de dez quilómetros. A actual tem duzentos anos. Nos arredores vêm-se restos de outros pontos de saída e de um estuário de muito maior dimensão.*



**Enfim junto ao** mar, antes das águas se misturarem no seu destino tumultuoso, à beira do fim, é ainda um silêncio quieto que acode às águas:

*“Só se ouve o murmúrio  
do Lis que já cansado  
Com as ondas abraça a loura areia  
e junto à relva verde  
a formosura a côr a graça perde,  
No extremo Ocidente.”*

Como não experimentar um sentimento de nostalgia, agora que as águas são praticamente um esgoto e a paisagem se arruína em desordem, perante uma evocação tão vibrante das veias claríssimas que fizeram a Cidade nascer.

## A FLORA NA POESIA DE RODRIGUES LOBO

Se o cenário paisagístico de Rodrigues Lobo é uma apaixonada integração do sentido poético numa realidade física, é no entanto na fluidez da anotação florística que se revela mais notável. Na trilogia pastoril são citadas cerca de 80 espécies diferentes e no conjunto da obra perto de 100, o que significa que estamos perante o maior acervo de referências vegetalistas em toda a história da literatura portuguesa. Seria circunstância de somenos se se tratasse de uma listagem; obras de carácter médico ou levantamentos botânicos existiam no Portugal de quinhentos, mas Rodrigues Lobo planta com precisão a sua flora na paisagem que refere.



Junto ao Lapedo vemos uma característica formação de vegetação espontânea. No alto os pinheiros, num meio que sem ser ecológicamente favorável, não lhes impede a propagação. Em baixo o *Quercus faginea* ssp. *broteriana* que aqui tem um climax vegetativo raramente atingido noutros pontos do País. Sabendo que o Ocidente Ibérico é o melhor guardião desta planta podemos ter consciência da relíquia aqui esquecida.

*Bellis perennis* é a planta mais citada por Rodrigues Lobo. Associada à Primavera, engrinaldou as pastoras da Trilogia serrana, numa evocação da literatura renascentista italiana. Depois de Camões, Sá de Miranda e Lobo, as boninas morreram na literatura portuguesa.

As “boninas amarelas”, por vezes referidas como malmequeres, são o *Chrysanthemum coronarium* var. *concolor*.



**Se bordeja um** rio são as árvores e os arbustos de beira água que lá estão. Ele ouve “o murmúrio da fonte que entrava no rio debaixo de uns salgueiros” e vê “os salgueiros que a turba corrente do Inverno arrebatara” ou “um freixo entre cujas raízes passa o ribeiro”. Se segue no campo lá está “o prado mais contente vestido de boninas” ou a relva “semeada de malmequeres brancos e amarelos”. Se “muda o pasto para o monte” vê por entre tempestades “raios que sobre os carvalhos desciam” e “correu toda a montanha sem achar quem buscava “ “o áspero pinheiro ao pé de uma serra” “uma frágua entre mui espessas giestas”. Se desce aos vales é lá que encontra a “fresca rosa, a roxa viola e o jacinto, a branca cêssem pura, e formosa.” Se se queda na brandura das águas de uma fonte, vê a flora húmida de herbáceas e pteridófitas, os lírios, as avencas, a douradinha, nas terras frescas e profundas encontra os castanheiros, os sobreiros, as aveleiras. É com justeza que aponta o sítio da pastagem da charneca, da mata ou da floresta.

Sobre a metodologia seguida para angariar tão extensa informação, para além do que foi cativado por olhar seguro, o poeta é claro, se não sabe pergunta: “*lhe perguntei o*

*nome de umas boninas brancas que melhor entre outras pareciam...*”

O facto de ver boninas (*Bellis perennis*) e elas serem brancas não lhe chega. As outras são parecidas, mas o que parece pode não ser. A questão, mais do que um devaneio poético, é uma curiosidade botânica.

Eis a listagem das citações de Rodrigues Lobo. O primeiro termo corresponde à citação; o segundo, entre parênteses, ao nome comum, e a seguir o científico, que pode ser mais do que um, na necessidade de uma interpretação mais abrangente. A discussão das atribuições não cabe na estreiteza desta informação.



Aqui vemos algumas árvores da flora de Lobo. Em cima amieiros junto ao Lis, no Moinho Novo, e freixos junto à nascente do Alviela. Na realidade o Fraxinus angustifolia acompanha os rios da Alta-extremadura no decorrer de uma boa parte do seu curso. Em baixo, nogueiras, que nos terrenos profundos e húmidos das margens do rio se desenvolvem admiravelmente. Esta mancha junto à nascente é de um raro vigor vegetativo.



# ÁRVORES

|                                                           |                                                                  |
|-----------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------|
| <b>Álamo, Álemo</b>                                       | Populus alba L.                                                  |
| <b>Amendoeira</b>                                         | Prunus dulcis (Miller)<br>D.A.Webb. = Amigdalus communis L.      |
| <b>Amieiro</b>                                            | Alnus glutinosa (L.) Gaertner                                    |
| <b>Árvores de espinho, Floridos Espinhos (Pilriteiro)</b> | Crataegus monogyna Jacq.                                         |
| <b>Aveleira</b>                                           | Corylus avellana L                                               |
| <b>Azambujeiro (Zambujeiro)</b>                           | Olea africana Miller=Olea europaea var. sylvestris Brot.         |
| <b>Carvalho</b>                                           | Quercus faginea Lam.                                             |
| <b>Castanheiro</b>                                        | Castanea sativa Miller                                           |
| <b>Cerejeira</b>                                          | Prunus avium (L) L.<br>Prunus cerasus L.                         |
| <b>Choupo</b>                                             | Populus nigra<br>Populus nigra var. italica Muench L.            |
| <b>Cipreste</b>                                           | Cupressus sempervirens L.                                        |
| <b>Enzinha (Azinheira)</b>                                | Quercus rotundifolia Lam.                                        |
| <b>Ervado (Ervedo, Medronheiro)</b>                       | Arbutus unedo L                                                  |
| <b>Faia (Choupo tremedor)</b>                             | Populus tremula L. e nãoFagus sylvatica, inexistente em Portugal |
| <b>Figueira brava</b>                                     | Ficus carica L. var. caprificus                                  |
| <b>Freixo</b>                                             | Fraxinus angustifolia Vahl.                                      |
| <b>Laranjeira</b>                                         | Citrus aurantium L.                                              |
| <b>Limão (Limoeiro)</b>                                   | Citrus limon (L.) Burm.                                          |
| <b>Loureiro, Louro</b>                                    | Laurus nobilis L.                                                |
| <b>Novigueira (Nogueira)</b>                              | Juglans regia L.                                                 |
| <b>Oliveira</b>                                           | Olea europaea L.                                                 |
| <b>Pereiro</b>                                            | Pyrus burgaeana Decne.,<br>Pyrus communis L.                     |
| <b>Pinheiro, Pino</b>                                     | Pinus pinaster Sol. in Aiton.<br>e Pinus pinea L.                |
| <b>Pomares (macieira)</b>                                 | Malus domestica Borkh.                                           |
| <b>Salgueiro, Sauze, Sinceiral</b>                        | Salix atrocinerea Brot.                                          |
| <b>Salgueiro branco</b>                                   | Salix alba L.                                                    |
| <b>Sovereiro (Sobreiro)</b>                               | Quercus suber L.                                                 |
| <b>Ulmeiro, Ulmo, Olmo</b>                                | Ulmus minor Miller                                               |



Flora arbustiva. Uma trepadeira que corre os campos, deixando-os numa ornamentação singular que desafia a imaginação dos melhores paisagistas, é a madressilva. Aqui vemos a Lonicera periclymenum, uma das quatro que aparecem na região. A floração do pilriteiro, uma das plantas mais características da serra e do litoral argilo-calcáreo, na sua festiva aparição primaveril. Em baixo um medronheiro.



# ARBUSTOS

|                           |                                                                                                                       |
|---------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Aroeira                   | Pistacea lentiscus L                                                                                                  |
| Buxo                      | Buxus sempervirens L.                                                                                                 |
| Cana, Canavial            | Arundo donax L                                                                                                        |
| Giesta                    | Cytisus scoparius (L) Link.<br>Cytisus grandiflorus D. C.                                                             |
| Hera                      | Hedera helix L.                                                                                                       |
| Jasmim                    | Jasminum fruticans L.<br>Jasminum officinale L.                                                                       |
| Madre silva (Madressilva) | Lonicera implexa Aiton<br>Lonicera etrusca G. Santi.                                                                  |
| Murta, Mirtho             | Myrtus communis L.                                                                                                    |
| Rosas brancas             | Rosa canina l.<br>Rosa pouzinii Tratt.<br>Rosa sempervirens L<br>Rosa agrestis Savi<br>Rosa tomentosa Sin.            |
| Rosas vermelhas           | Rosa rubiginosa L.ssp lusitanica Samp.<br>Rosa dumetorum Thuil.<br>Rosa verticillacantha Merat.<br>Rosa pendulina L.  |
| Sanguinho                 | Cornus sanguinea L. ssp. sanguinea                                                                                    |
| Silva, Silveira           | Rubus ulmifolius Schut.                                                                                               |
| Silva branca              | Rubus thyrsoideus Wim.                                                                                                |
| Tojo                      | Ulex sp. + Staurachantus sp.<br>Ulex europaeus L.<br>Ulex densus Welw.<br>Ulex parviflorus Pousz.<br>Ulex minor Roth. |
| Vime                      | Salix viminalis L.                                                                                                    |



*Lavandula stoechas* ssp. *pedunculata* (Miller) Sump.

*Cistus crispus* L.



*Anthilis vulnerária* ssp. *vulnerarioides* (All) Arcangelli

*Cistus albidus* L.



# HERBÁCEAS

|                                      |                                                                                                                                   |
|--------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Açucena, Céssem</b>               | Lilium candidum L.                                                                                                                |
| <b>Alcachofra</b>                    | Cynara scolymus L.                                                                                                                |
| <b>Alho</b>                          | Allium sativum L.                                                                                                                 |
| <b>Artemiza , Artemísea</b>          | Artemísea vulgaris L ou<br>Pyrethicum parthenium L<br>Tanacetum parthenium (L.) sch. Bip.                                         |
| <b>Avea, Aveia</b>                   | Avena sativa L.<br>Avenca Adiantum capillus - veneris L.                                                                          |
| <b>Boninas</b>                       | Bellis perennis L.<br>Bellis silvestris Cyr.                                                                                      |
| <b>Borrago, Borragem</b>             | Borago officinalis                                                                                                                |
| <b>Campaínhas</b>                    | Campanula lusitanica L.<br>Campanula herminii Hoff. e Link.                                                                       |
| <b>Cardo, Louro Cardo</b>            | Carthamus arborescens L.                                                                                                          |
| <b>Chagas, Flores da Chaga</b>       | Tropacolum majus L.                                                                                                               |
| <b>Centeio</b>                       | Secale cereale L.                                                                                                                 |
| <b>Cravelina, Clavelina</b>          | Agrostemma githago L.                                                                                                             |
| <b>Cravo</b>                         | Diathus caryophyllus L.                                                                                                           |
| <b>Douradinha</b>                    | Ceterach officinarum D.C.                                                                                                         |
| <b>Feto</b>                          | Pteridium aquilinum L.                                                                                                            |
| <b>Girasol, Girassol</b>             | Heliotropium eurpaeum L.<br>Heliotropium supinium L.<br>Helianthus annuus L.                                                      |
| <b>Herva cidreira, Erva cidreira</b> | Melissa officinalis L.                                                                                                            |
| <b>Jacinto</b>                       | Scilla hyacintoides L.<br>Dipcadi serotinum Med.<br>Muscari commosum<br>Gladiolus segetum Ky-Gowlis.<br>Gladiolus illyricus Koch. |
| <b>Junquilha</b>                     | Narcissus Jonquilla L.<br>Narcissus dubius Gonan.                                                                                 |



Alguns dos mais belos  
exemplares da flora  
espontânea que aparece  
ocasionalmente nos  
montes e vales da região.  
Em cima a Digitalia  
purpúrea, junto ao  
Lapedo, no meio a rara  
Anagalis monelli, na  
Serra de Sto. António.  
Em baixo, junto ao morro  
do Castelo de Ourém, a  
vistosa Oxalis articulata  
Sar. Variedades  
hortícolas destas plantas  
adaptam-se bem a  
jardins e figurarão no  
plano de herbáceas.



# HERBÁCEAS

|                                 |                                                                                             |
|---------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Língua Cervina</b>           | Phyllitis scolopendrium New.                                                                |
| <b>Lírios</b>                   | Iris florentina Hill.                                                                       |
| <b>Lírio Roxo</b>               | Iris germanica L.<br>Iris planifolia (Miller)                                               |
| <b>Lírio Amarelo</b>            | Iris pseudacorus L.                                                                         |
| <b>Malmequeres, Bemmequeres</b> | Chrysanthemum coronarium<br>L. var. discolor                                                |
| <b>Branços</b>                  | Chrysanthemum coronarium<br>L. var. concolor                                                |
| <b>Amarelos</b>                 | Anthemis tinctoria L.                                                                       |
| <b>Malvaíско</b>                | Lavatera arborea L.<br>Althaea officinalis L.                                               |
| <b>Mangericão</b>               | Ocinum bonilium L.                                                                          |
| <b>Mangerico</b>                | Ocinum minimum L.<br>Marcella, Macela Anthemis<br>nobilis L.<br>Chamaemelum nobile (L.) AM. |
| <b>Milho</b>                    | Panicum miliaceum L.<br>? Zea mays L.                                                       |
| <b>Orjabão, Urgebão</b>         | Verbena officinalis L.                                                                      |
| <b>Ouregão, Oregãol</b>         | Origanum vulgare L.                                                                         |
| <b>Rosmaninho</b>               | Lavandula stoechas L.<br>Lavandula stoechas ssp<br>pedunculata (Miller) Samp.               |
| <b>Ruda, Arruda.</b>            | Ruta chelapensis L.                                                                         |
| <b>Tageda, Tágueda</b>          | Inula viscosa Ait.<br>Dittrichia viscosa (L.) W.<br>Grunter                                 |
| <b>Trigo</b>                    | Triticum aestivum L.                                                                        |
| <b>Viola, Violeta</b>           | Viola alba Pet.                                                                             |
| <b>Branca</b>                   | Viola odorata L.                                                                            |
| <b>Roxa</b>                     | Viola canina L.                                                                             |
| <b>Zéfir</b>                    |                                                                                             |



*Talude junto às Fontes perto do leito quase sempre seco da ribeira das Cortes. A flora é idêntica à serrana, com uma componente predominantemente mediterrânea, e alguns endemismos que tornam esta região uma das mais apetecíveis sob o ponto de vista botânico. À direita as flores amarelas de um dos muitos malmequeres, neste caso a *Anthemis tinctoria* L.*



*Trecho do vale de Alvados, com uma dolina em primeiro plano, rodeada de Quercus faginea e um olival a perder de vista. A oliveira que desde o século XVII invadiu a Serra pelos trabalhos dos monges cistercienses, ocupou-lhe uma boa parte no princípio deste século. A partir dos anos 60 começou a ser abandonada, o que provoca em Orlando Ribeiro a constatação histórica de que pela primeira vez se vê nascer e morrer um olival numa só geração.*



**TODAS ESTAS PLANTAS** encontram-se espontâneas ou cultivadas na região abrangida. Não vemos, como noutros poetas ou escritores da mesma época, recurso a uma flora mitológica ou orientalista. As árvores que existem localmente estão praticamente todas incluídas, e os arbustos ou plantas vivazes têm falhas menores. Uma excepção são os cistus. É curioso ver como escaparam, apesar de serem das mais vistosas e abundantes plantas que esquadrinham todas as terras da montanha ou da planície. Não há roselhas nem estevas, que no entanto não escapam na Serra da Arrábida a Frei Agostinho da Cruz.

Também na flora de herbáceas, apesar da sua invulgar extensão, faltam algumas das mais triviais que se ajustam plenamente a uma sensibilidade poética, refiro-me ao alecrim e à papoila. A ausência da romãzeira é singular. Mesmo os poetas mais desguarnecidos de alusões naturalistas, têm a romã como referência tópica. Talvez a conotação da romã com o povo judaico, e a ocultação que Rodrigues Lobo fazia dessa condição, estejam na origem do esquecimento. De resto, na única gravura retratando o poeta, a romã aparece discretamente.